

Médicos leitores

Alunos do Núcleo Bandeirante aprendem a respeitar mais os livros e desenvolvem o gosto pela leitura restaurando obras na biblioteca da escola

Luís Cláudio Cicci
Da equipe do **Correio**

Na biblioteca de uma escola pública do Núcleo Bandeirante, uma boa idéia aproveita a fantasia para despertar nas crianças o carinho pelas obras literárias. Como resultado, aluno chama a atenção do professor, filho dá bronca no pai e todo mundo vira leitor cuidadoso.

Na entrada de uma antiga sala de aula, que as prateleiras e duas mesas transformaram em centro de leitura, fica o Hospital de Restauração de Livros da Escola Classe 3 do Núcleo Bandeirante. Sobre o armário de aço com menos de metro e meio de altura, *O Jantar com Saci*, de Monteiro Lobato, toma soro para recuperar-se do castigo que recebeu ao passar de mão em mão.

O livro tem um canudo preso com esparadrapo na capa. Pelo duto, ele, que é um dos *pacientes* do centro de internação, recebe na *veia* uma solução de cloreto de amor na concentração de 100%. Nas três prateleiras de baixo, à espera de tratamento, outros *feridos* repousam até ganhar a atenção dos estudantes que, na hora do recreio, viram médicos e enfermeiros.

No começo do intervalo de vinte minutos entre as aulas, alguns dos cerca de 500 alunos da escola procuram a biblioteca, voluntariamente, para ler e socorrer os doentes. Aos poucos, as crianças vão escolhendo seus pacientes entre os títulos que elas mesmas encaminharam para a pequena estante de aço. Na *Unidade de Terapia Intensiva (UTI)* estão os casos críticos, de difícil recuperação. Os livros menos

estragados ficam na *Enfermaria 2*, ocupam lugar na fila para receber tratamento.

O método de trabalho é criterioso. Antes de receber *alta*, o doente passa pela sala de observação, uma etapa que precede a volta à prateleira comum. O paciente que tem histórico de muitas idas e vindas ao hospital, a *saúde* definitivamente

prejudicada, fica permanentemente na *Enfermaria 1*. Nessa prateleira estão os livros restaurados, mas que precisam ser manuseados com cuidado. Tudo, claro, é fantasia, mas dura desde o começo do ano e apresenta resultados bem reais.

"Conseguimos que a conservação do acervo fosse muito maior", comenta a professora Aline Sandra Rocha Nonato, 30 anos. Ela e a colega Helena Maria da Mota,

35, formam a dupla responsável pela biblioteca da Escola Classe 3 e são as donas da idéia de criação — e portanto fundadoras — do *Hospital de Restauração*. "Só é preciso boa vontade, criatividade e o sacrifício de 20 minutos de descanso", explica Helena, que passa o recreio acompanhando o trabalho dos pequenos *médicos* e *enfermeiros* de livros.

O raciocínio que faz a iniciativa dar certo é simples: usuário que ajuda a consertar, que sabe o trabalho que dá remendar livro rasgado, é mais cuidadoso. A tendência é que a vida útil do acervo da biblioteca da escola aumente. "Nós sempre orientamos sobre a importância da conservação, mas, depois que colocamos a idéia em prática, os danos e os sumiços diminuíram", diz Aline. "Notamos até que os títulos recém-comprados continuam novos depois que voltam dos empréstimos", confirma Helena.

RESTAURADORES

O Hospital de Restauração é, além da prateleira de aço, uma maleta de plástico branco. Dentro fica o *kit* para tratamento dos doentes, um conjunto com régua, tesoura, fita adesiva, cola e cartolina. É só começar o recreio para sobraem mãos que vão cuidar dos *doentes*. "A quantidade de aluno varia e a tarefa fica a critério de cada um, porque tem que ser uma iniciativa espontânea, o cuidado tem que partir deles mesmos", explica Aline. A fatura de candidatos a restauradores é comum e contrasta com a falta de material e o pouco tempo para terminar o serviço.

"Como tem muito livro estra-

Carlos Vieira



Raquel é uma das alunas restauradoras: "Se a gente não cuidar, daqui a pouco a biblioteca vai acabar"

gado, escolho sempre os piores", justifica Marlaine Pereira da Silva, dez anos, aluna da 4ª série. Com tesoura, cartolina e cola na mão, a garota prepara-se para reparar a capa do *ABC Sexual*. "Livro é tipo um professor. Ensina, faz descobrir muita coisa e pode ajudar muita gente", diz para justificar sua iniciativa. "Se a gente ajuda o livro, quando ele ficar melhor também vai ajudar a gente", confirma a colega de classe e companheira de recreio, Renata Carneiro Toccolini, da mesma idade.

Entre os médicos e enfermeiros de livros, Raquel Gusmão, oito anos, é a mais presente. "Como nunca dá tempo de consertar o que está estragado, tenho sempre

que voltar no outro dia", diz. "Se a gente não cuidar, daqui a pouco a biblioteca vai acabar", justifica. Tanta preocupação e dedicação à conservação até levanta dúvidas sobre as preferências da menina, que não se confunde. "Não dá para escolher; na escola eu conserto, em casa eu leio."

Raquel acabou de ler o *Bicho Homem* — "no final fala uma coisa interessante, que o homem é o único animal que mata sem estar com fome", comenta. Segundo ela, o livro é novo, mas está descolando, tem algumas páginas soltando. "Não é culpa minha porque eu tenho cuidado, aprendi como é que segura direitinho na escola", diz. Como ela, outros

alunos da Escola Classe 3 passaram a ser mais cuidadosos e ganharam o direito de chamar a atenção dos pais e professores.

Apesar de já ter lido o *Bicho Homem*, a menina de oito anos sabe que a utilidade do livro é permanente. Tanto tem consciência, que preocupa-se com o futuro daquilo que já lhe serviu. "Se eu chegar a encontrar o *Bicho Homem* no hospital, vai ser bem triste porque eu tive cuidado, mas alguém não teve", diz Raquel. O inconformismo não é só dela. "O cemitério a gente não vai criar", avisa a professora Helena.

SERVIÇO

Escola Classe 3 Tel.: 386-2055